

NHANDEREKO YVYRUPÁ PY: MODO DE VIVER GUARANI NA TERRA INDÍGENA TEKOÁ MARANGATU, IMARUÍ, SC, BRASIL

PARTE I - VALORES E PRÁTICAS SOCIAIS¹

Fabiano Alves²

Juliano Bitencourt Campos²

Orivaldo Nunes Júnior³

Francisco Silva Noelli⁴

João Alberto Ramos Batanolli²

José Gustavo Santos da Silva²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v24i52.959>

Resumo: O Nhandereko sempre esteve presente na trajetória e na vivência do povo Guarani, desde muito antes da chegada dos Europeus. O povo Guarani, caminha com muita resistência para manter sempre sua cultura, apesar das inúmeras ameaças praticadas pelos Juruá kuery (homem branco). Continuamos a praticar o nosso costume, a tradição, a religião e nossa língua para manter vivo o Nhandereko. Repassando o conhecimento e sabedoria para que a futura geração Guarani caminhe e, ao mesmo tempo, leve essa visão de compreender o mundo com a sabedoria Mbyá Guarani. Por isso foi realizada a pesquisa para descrever sobre o Nhandereko, a metodologia utilizada para a primeira etapa do trabalho foi a de levantamento bibliográfico, este teve foco em pesquisadores Guarani sobre o Nhandereko, Yvyrupá e sobre o Tekoá Marangatu, posteriormente realizou-se o Etnomapeamento da Terra Indígena Tekoá Marangatu, para mostrar como e onde que se pratica o Nhandereko no espaço territorial e no tekoá, identificando os valores e práticas sociais, para isso foi utilizado digitalizações no *software Google Earth*, aliado

¹ Este artigo é uma parte da dissertação de Mestrado do primeiro autor, um indígena Guarani, pesquisa elaborada com a orientação e parceria de quatro pesquisadores, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Por ser uma pesquisa na própria comunidade do autor Guarani, apresenta-se frases na primeira pessoa.

² Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Santa Catarina, Brasil.

³ Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

⁴ Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

ao etnomapeamento realizou-se conversas livres com o cacique, lideranças, anciões e anciãs do Tekoá Marangatu, buscando compreender seu Nhandereko as informações foram resumidas a partir da ferramenta metodológica 5W2H. Por fim, conclui-se que o lugar estudado e a comunidade Guarani têm vínculo harmonioso com a natureza, conforme a sabedoria e a prática do Nhandereko.

Palavras-chave: Nhandereko; Guarani; etnomapeamento.

Abstract: Nhandereko has always been present in the history and experience of the Guarani people, since long before the arrival of Europeans. The Guarani people walk with great resistance to always maintain their culture, despite the countless threats practiced by the Juruá kuery (white man). We continue to practice our custom, tradition, religion and our language to keep Nhandereko alive. Passing on knowledge and wisdom so that the future Guarani generation can walk and, at the same time, take this vision of understanding the world with Mbyá Guarani wisdom. That is why the research was carried out to describe the Nhandereko, the methodology used for the first stage of the work was the bibliographical survey, this focused on Guarani researchers on the Nhandereko, Yvyrupá and on the Tekoá Marangatu, later the Ethnomapping was carried out of the Tekoá Marangatu Indigenous Land, to show how and where Nhandereko is practiced in the territorial space and in the tekoá, identifying the values and social practices. chief, leaders, elders and elders of Tekoá Marangatu, seeking to understand their Nhandereko, the information was summarized using the 5W2H methodological tool. Finally, it is concluded that the studied place and the Guarani community have a harmonious bond with nature, according to the wisdom and practice of Nhandereko.

Keywords: Nhandereko; Guarani; Ethnomapping.

Nhamokyri`ia: Nhandereko oguero guata yma guive Mbyá Guarani kuery ikuai hypy`i guive haema, juruá kuery õvae he`yre. Mbyá Guarani kuery ma oguata mbaraete ndaexarai haguã gueko`i gui, opamba`e ijavaete ramo tein jurua kuery hakaty gui. Ronhembo`e ore reko`i py, ore nhembo`e py ha`egui ore hayu`i py romo mbaraete haguã Nhandereko. Romboaxa ore arandú rä`i va`ekue kyringue ve pe, há`e rirema há`ekuey ju oguero guata haguã. Ha`erami vyma ambopara Nhandereko régua. Jypy`i ma aikuaa pota Mbyá kuery kuatia para ojapo ma va`e kuere Nhandereko, Yvyrupa regua, ha`egui Tekoá marangatu regua. Ha`e rire ma ajapo Tekoá Ra`angá, aejauka hagua mamo katy pa Tekoá Marangatu py ja rojeapo Nhandereko py gua, ha`egui aporandu nhande ruvixa pe, ha`egui xeramõi xejaty pe aikuaa hagua mba`eixa pa õi Nhandereko, ha`e rami vy ma ojekuaa oiny kuatia re tekoá py kuery onhangareko porã`i ka`aguy re, ha`e kuery inharandú rupi ha`egui ojapo teri Nhandereko.

Ayú-Nhepyru: Nhandereko; Mbyá; Tekoá-Ra`anga.

1 INTRODUÇÃO

O Nhandereko é um sistema de vida tradicional que envolve as relações sociopolíticas, territorialidade, cosmologia e a espiritualidade, podendo ser traduzido como “nosso modo de ser”. Tudo que se faz diariamente no tekoá (território da aldeia) é Nhandereko, vivenciado e praticado através da espiritualidade, da cultura e da língua, da caça e da pesca, da educação tradicional, da agricultura, das ervas medicinais, produção de artesanato e através do contato com a natureza. É importante mostrar uma ideia que ajuda a definir o Nhandereko e como ele é transmitido entre as gerações, como escreveu Kaká Werá Jekupé (1998, p. 26):

A memória cultural se baseia no ensinamento oral da tradição que é a forma original da educação nativa, que consiste em deixar o espírito fruir e se manifestar através da fala aquilo que foi passado pelo pai, pelo avô e pelo tataravô. A memória cultural também se dá através da grafia-desenho, a maneira de guardar a síntese do ensinamento, que consiste inscrever através dos símbolos, traços, formas e deixar registrado no barro, no trançado de uma folha de palmeira transformada em cestaria, na parede e até no corpo, através de pintura feita com jenipapo e urucum.

Também é transmitido pela mãe, avó, bisavó e tataravó nos muitos tekoá que formam o Yvyrupá, ou território Guarani. Nas palavras de Eunice Antunes Kerexu Yxapyry:

O povo Guarani continua vendo o mundo como uma região, as matas, animais, rios, e seguem o sol. Seu território é onde vivem, seu modo de ser, sua cultura milenar é seu território tradicional, historicamente ocupado pelos seus ancestrais, que se estende por parte da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. Mas o povo Guarani ocupa hoje apenas pequenas ilhas, pois os europeus que aqui chegaram se apossaram de praticamente todo o território que encontraram. O território, o solo que pisamos, é um tekoá, o lugar físico, o espaço geográfico varia conforme por onde nos movemos, sendo que permanece essa cultura de mobilidade (Antunes, 2015, p. 13).

Para uma pessoa Guarani o território é vida, corpo e espírito, pois nele estão os seres vivos, as plantas e os animais, os rios e o céu, interligados pelo Nhandereko. Por isso, o meu povo, desde antiguidade – é o que nos contam sobre nossos ancestrais, sempre tiveram o vínculo harmonioso com a natureza, pois sabem da sua importância e a respeitam como sagrada, como membros de suas famílias, valorizando-a e conservando-a para as futuras gerações e de

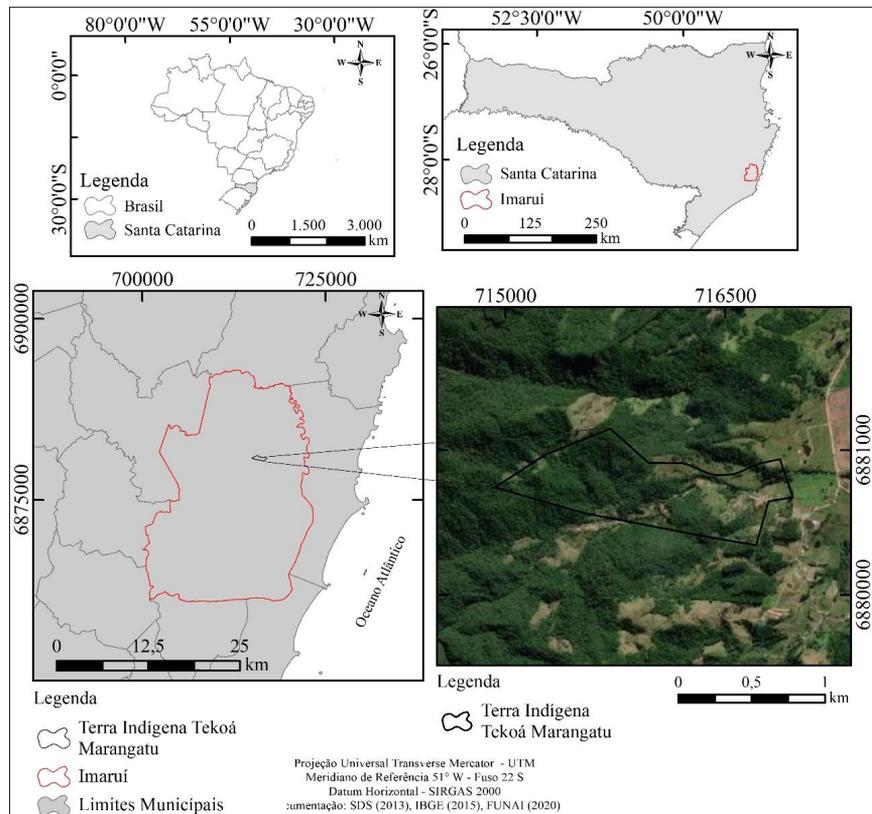
todos seres vivos. Toda vez que retiramos algo da natureza ou cortamos alguma árvore, pedimos autorização com muito respeito. A água representa o sangue da mãe terra, que é a sobrevivência da humanidade, dos animais e das plantas. Os Guarani falavam da terra com respeito e cuidavam das nascentes, das florestas e reivindicavam o céu com amor, onde todos aprendiam os segredos da natureza e da vida. Por isso que nós Guarani vivemos em harmonia com a natureza.

Este artigo tem o objetivo de mostrar a importância do Nhandereko e da prática do conhecimento tradicional Guarani na Terra Indígena Tekoá Marangatu.

2 LOCALIZAÇÃO DA AREA DE PESQUISA

A Terra Indígena Tekoá Marangatu está no município de Imaruí, estado de Santa Catarina, Brasil (Figura 1). O lugar também é conhecido como Cachoeira dos Inácios e possui 81,51 hectares, que foram adquiridos em 1999 pela Funai com recursos da compensação pela passagem do empreendimento Gasoduto Bolívia-Brasil pelas Terras Indígenas Morro dos Cavalos e Maciambu. Na época, os Guarani destas Aldeias decidiram usar o recurso da indenização pelos impactos para garantir a segurança territorial das comunidades que aguardavam a regularização fundiária pelo poder público, em cumprimento da Constituição Federal de 1988.

Figura 1 - Limites da Terra Indígena Tekoá Marangatu, Imaruí, SC



Fonte: Os autores (2022).

3 METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento bibliográfico nas publicações de pesquisadores Guarani sobre o Nhandereko, Yvyrupá e sobre o Tekoá Marangatu, escritos em Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, Mapeamentos e outras referências.

Também foi realizado o etnomapeamento com imagem de satélite na área do Tekoá Marangatu, para identificar e delimitar os locais de práticas cotidianas do Nhandereko. O etnomapeamento foi realizado a partir de digitalizações no *software Google Earth*, inserindo polígonos que definem os locais marcados no

levantamento de campo. Os dados foram analisados com o *software* SIG (Sistema de Informação Geográfica) *ArcGis 10.3* para a confecção dos mapas temáticos. Realizou-se também conversas livres com o cacique, lideranças, anciões e anciãs e as informações foram sintetizadas a partir da ferramenta metodológica 5W2H (Quadro 1).

Quadro 1 – Ferramenta Metodológica 5W2H

Pergunta	Nhaporandu
O quê (a ação)	Mba'e
Quem (o agente)	Mawa'e
Quando (o tempo)	Araka'e/Raka'e
Onde (o lugar)	Mamõ
Como (o modo)	Marã rami
Por que (o motivo)	Mba'e re
Quanto (número de envolvidos)	Mbowy

Fonte: Os autores (2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A tragédia

Ouçam a minha voz que vem do meu povo!

Desde a chegada dos juruá, depois de nossos povos terem lhes cuidado, banhado, curado e ensinado tudo que podíamos... logo em seguida, vimos nosso Nhandereko começar a ser desfeito, destruído, combatido, diminuído, tornado quase impossível. Por exemplo, a chegada dos jesuítas, as construções de São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul Brasil e de San Inácio na Provincia de Misiones, para tentar catequizar os Guarani, para acabar com o Nhandereko. Eles não conseguiram, pois nós Guarani temos a força espiritual para ter a nossa Resistência. Parece que durante esses séculos todos desde sua chegada, a sociedade juruá, como um todo, com raras exceções, ainda não compreendeu que a Terra é uma só, que a vida é uma só e que somos todos irmãos. Meu povo e seus descendentes, sabemos coisas e modos de vida de outros povos originários que existiam no Brasil antes da chegada do homem branco. Sabemos, também, que

este encontro não foi, ao final, uma coisa boa para os povos originários. Mesmo que de início o contato parecesse sem problemas ou sem intenção de destruição de nossa cultura e modo de vida, hoje sabemos que tudo foi trágico, tudo foi apenas destruição. E o Brasil é difícil para nós povos originários, e que continua sendo destrutivo para nossa cultura e nosso modo de vida Guarani.

A visão materialista e a ganância do juruá (homem branco) em acumular coisas lhes faz cego para o que mais importa na vida, que é ela própria e tudo que ela inclui. Mas não podemos julgar ou nos revoltar com o juruá: ele simplesmente não sabe, não entende. É como criança, ou louco que destrói aquilo que ele mais precisa. Como diz o Krenak (2022, p. 20): “Quem já ouviu a voz dos rios, das montanhas ou das florestas não precisa de uma teoria sobre isso: toda teoria é um esforço de explicar para cabeças-duras a realidade que eles não enxergam”. E um pouco antes ele já gritava: “Estamos a tal ponto dopados por esta realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra” (Krenak, 2022, p. 18)

Nosso Nhandereko vem se restringindo desde o início depois da chegada das caravelas, pelas perseguições, pela escravização, pelas doenças, pela tomada de nossas terras, pela destruição da natureza. Esta destruição que citei acima, tem várias formas. Nossa cultura vai ficando cada vez mais impregnada de outros modos de vida, o que não seria ruim ter outros conhecimentos sobre o modo de vida do juruá; mas não é o que estamos vendo a séculos. O que acontece é que nossa cultura e modo de vida quando são conhecidos parecem tornar-se entrave para os projetos do juruá. E mais, quando tentamos dialogar e apresentar um pouco dos problemas que estão destruindo o nosso Nhandereko, quando queremos dizer como fazemos, não somos compreendidos efetivamente, nem respeitados em nosso modo de viver.

Para compreender mais um pouco esse conflito entre duas concepções do mundo, vamos continuar ouvindo Ailton Krenak (2022, p. 58-60):

Não consigo nos imaginar separados da natureza. A gente pode até se distinguir dela na cabeça, mas não como organismo. O planeta está nos dizendo: ‘você piraram, se esqueceram quem são e agora estão perdidos achando que conquistaram algo com os brinquedos de vocês’. O que há para ser celebrado nesses brinquedinhos que iludem o ser humano? A Terra é

um organismo muito maior que nós, muito mais sábio e poderoso, e nós, seu brinquedo mais inútil. A Terra pode nos desligar tirando nosso ar (se referindo à pandemia da Covid-19), não precisa nem fazer barulho.

Nós, Mbyá Guarani, ouvindo há gerações a voz dos nossos Xeramöi-Xejaryi sabemos que estamos dentro de grandes ciclos do tempo onde os deuses nos ensinam o que precisamos aprender para voltar à Casa de Tupã. Sabemos que tudo faz parte desses ciclos e esperamos que o final deste ciclo, do final do tempo do Juruá para voltarmos e lhe ensinarmos a paz. Mas aqui, precisamos lhes dizer os perigos que estão correndo e fazendo com todos, plantas, animais, toda a vida, toda natureza. A respeito disso, ouçam mais a voz de Krenak:

Acredito que nossa ideia de tempo, nossa maneira de contá-lo e enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar – está na base do nosso engano, na origem de nosso deslocamento da vida. Nossos parentes Tukano, Desana, Baniwa contam história de um tempo antes do tempo. Essas narrativas, que são plurais, os maias e outros ameríndios também têm. São histórias de antes de este mundo existir e que, inclusive, aludem à sua duração. A proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, nos tira o medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres são juntos conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro (Krenak, 2022, p. 71).

Na nossa cultura Guarani, também acreditamos em tempos muito antes deste tempo, como explica Kaká Werá, no livro *Terra dos Mil Povos*: “Os grandes ciclos ou estações cósmicas movimentam-se, tendo no centro Nandecy, a Mãe Terra que dança com a tarefa de tornar-se uma Estrela-Mãe. Cada ciclo reflete-se em provas, desafios, aprendizados para todos os reinos” (Jekupe, 1998, p. 21).

Mas Krenak está alertando para coisas que o Juruá nem sonha. Assim como denuncia, ele também nos dá esperança, igual a nossas profecias sobre a vinda de um outro tempo:

Ainda há ilhas no planeta que se lembram o que estão fazendo aqui. Estão protegidas por essa memória de outras perspectivas de mundo. Essa gente é a cura para a febre do planeta, e acredito que podem nos contagiar positivamente com uma percepção diferente da vida. Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você ou faz guerra contra a vida na Terra [...]. Fomos durante muito tempo embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós,

outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2022, p. 73-83).

O amor e a sabedoria vêm desde os tempos primordiais, desde a criação com a própria substância de Nhanderu (Deus). Por isso todas as coisas são sagradas, como ensinam de uma geração para a outra no nosso povo Guarani, como fundamentos do nosso Nhandereko.

Mesmo com 500 anos de destruições e perseguições, resistimos em nosso coração para manter a nossa língua, muitos costumes, nossas rezas e nossas histórias. Muito do nosso Nhandereko está perdido, mais em alguns lugares e menos em outros, por causa da falta de terras e da destruição da natureza feita pelos juruá, cujos efeitos são a diminuição das condições materiais para produzir a nossa cultura original, mas guardamos as memórias dessas materialidades para retomá-las quando há condições. Mesmo assim, lutamos para guardar o nosso Nhandereko em seu sentido mais pleno e muitas de suas práticas em nossa aldeia Tekoá Maragatú. Por outro lado, o sonho é uma porta da memória do nosso povo. Se tivermos condições, pelo sonho podemos lembrar, recordar, reconstruir coisas que perdemos no tempo. Escutem o que diz Krenak sobre os sonhos, como uma instituição da cultura indígena brasileira:

Sempre fomos capazes de observar uma diferença entre a experiência desperta e o mundo dos sonhos, então decerto conseguimos trazer para a vigília a história desse outro mundo. O tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes tipos de linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno (Krenak, 2022, p. 34).

O sonho é muito importante para nós Mbyá e para muitos povos parentes no Brasil. Não apenas como uma vivência psicológica, mas como uma dimensão essencial de nossa realidade que sempre procura um mundo onde podemos viver, encontrar pessoas, resolver problemas e aprender.

Essa instituição também se comunica com esferas domésticas. Sonhar é uma prática que pode ser entendida como regime cultural em que, de manhã cedo, as pessoas contam o sonho que tiveram. Não como uma atividade pública, mas de caráter íntimo [...]. Os Krenak são parentes dos Xavantes, dos Krahô, dos Kaiapó, somos povos Jê. Então digamos que nós somos caçadores,

não agricultores. Creio que ainda persistem cosmovisões e mentalidades constituídas por povos caçadores-coletores, mesmo em situação adversa em que não há mais o que caçar nem o que coletar. Essas tradições ainda têm, na contemporaneidade ligação direta com a nossa subjetividade, por isso os caçadores sonham de um jeito e os agricultores de outro (Krenak, 2022, p. 37-40).

Os sonhos são primordiais do nosso “Ser” Mbyá e de todo o povo Guarani e de todos os parentes Indígenas. É, além da vivência em si, um universo de memórias, histórias e possibilidades da esperança persistir. Quando temos as condições materiais e emocionais de viver em paz, pelo sonho podemos fazer muitas coisas no cotidiano do tekoá e, ao mesmo tempo, planejar o futuro, pois a definição do tempo futuro Guarani de fazer as coisas é uma das essências do Nhandereko. Através do sonho podemos prever o futuro, como para o ano seguinte pode definir a mudança de lugar para fundar o outro tekoá, fazer nossas roças e fortalecer mais o nosso Nhandereko.

A mobilidade dentro do Etnoterritório Yvyrupá faz parte do Nhandereko. A estratégia para se fazer guata porã, a caminhada tradicional, é sempre guiada pelos mais velhos xeramõi-xejaryi. A guata porã nunca acontece por acaso, mas sempre começa com a previsão mostrada pelos sonhos. Para nós Guarani, o sonho traz significados importantes que podem definir e determinar algumas coisas, como a mudança de um lugar para outro, a visita à outra aldeia, e até prever bons e maus presságios. Por isso, quando acorda de manhã, ao redor de fogo, um Guarani sempre conta o sonho que teve, para mostrar e trocar ideias sobre o que está prevendo e conseguir agir conforme as suas previsões sonhadas. Se o sonho prevê uma visita, a família ou a comunidade já vai se preparando para receber. Se prevê algum coisa ruim, o Guarani já cancela a atividade do dia para resguardar-se a si próprio e aos seus parentes e amigos mais próximos. Ou o sonho pode indicar a mudança para outro lugar, para fundar a nova aldeia.

De acordo com Leonardo Werá Tupã:

No geral, as motivações das migrações são religiosas, são as estratégias de nossos sábios, que são os velhos e as velhas. Para os Guarani é normal ter homens e mulheres como lideranças religiosas. A migração acontecia porque os mais velhos ou mais velhas, através dos sonhos, recebiam as revelações dos lugares para fazer aldeias, de lugares para morar. Os sonhos são os contatos com os próprios espíritos. Essa dimensão está um pouco além da

compreensão dos jurua kuery, somente quem vive essa dimensão, que são os detentores deste conhecimento conhecem esta questão de religião Guarani. Os mais velhos mantêm essa vivência como algo muito forte, central na vida deles. Essa é uma das estratégias também, mas podemos falar até aonde compreendemos, há uma outra dimensão que é exclusiva dos sábios, que as mantêm muito forte até hoje. Enfim, quando essa revelação aparece, o grupo faz esta migração procura este local. Migrar de um lugar para outro é chamado na nossa língua de Oguata Porã Va'e, caminhada sagrada, caminhada boa, essa era a intenção, uma caminhada que tinha objetivos, e o objetivo da caminhada era chegar em um local pré-determinado pelos mais velhos, um local sonhado, revelado pelas divindades. Por isso que tinha essas migrações, estas caminhadas. Então, antigamente as caminhadas tinham mais fundamentação na religião (Gonçalves, 2020 p. 149).

O tekoá é o lugar onde nasce e cresce a nação Guarani, onde a pessoa se desenvolve como ser humano Mbyá Guarani. O tekoá significa a vida, onde existe o costume e suas práticas, a sabedoria do Nhandereko. Sem tekoá nada disso é possível para os Mbyá. O Yvyrupá é amplo e vasto, abrangendo o Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Para nós Guarani não existem fronteiras no Yvyrupá, pois nele sempre construímos nossos tekoá para sempre ter o teko porã, o “viver bem”. E manter a ka'á até, a floresta, e as águas limpas para as plantas e animais viverem é fundamental para o Guarani manejar e tirar cuidadosamente os alimentos e os materiais para os artesanatos, para construção e para preparar seus remédios tradicionais ensinados por Nhanderu. A natureza cuidada e plena é a essência da vida do povo Guarani, uma sabedoria passada de uma geração para outra desde os tempos primordiais, quando Nhanderu ensinou para o povo Guarani a cuidar da natureza com algo sagrado.

Segundo o Leonardo Werá Tupã:

O tekoá, por si só significa o local lugar onde começa, se cria e se vive a vida. O tekoá é nome próprio, muito forte para nós, tem um significado singular. A função das migrações é a criação do tekoá, onde se cria, onde nasce a vida. Sem o Tekoha não existe o Guarani. O território é onde o povo ocupa, onde se vive o todo, ou seja, onde há mata, rio e onde se dá todo o conhecimento que o povo tem desse espaço. A própria ciência do homem branco confirma isso, cada bioma, cada região da mata tem sua característica próprias. A Mata Atlântica que não está apenas no Brasil, mas na Argentina e Paraguai, é onde os Guarani tiveram sua educação, seus ensinamentos. Então os Guarani conhecem bem esse amplo território como se fosse a

palma da mão. Importante dizer que para os Guarani não existem fronteiras, – Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia – tudo isso faz parte do território Guarani. Nesse amplo território os Guarani criam seus tekoá para poder viver bem. A mata e todo o meio ambiente é importante para o povo Guarani, é da mata que os Guarani sobrevivem, é onde eles tiram os materiais de uso, para fazer remédio, construção, além de que a mata é uma parte importante para a educação Guarani, faz parte da vida dos Guarani (Gonçalves, 2020 p. 150).

Essas são as grandes forças do nosso Nhandereko. Para o meu povo Mbyá e para o povo Guarani tudo possui espírito, e por isso é preciso tratar como sagrado e lidar com a sabedoria herdada de Nhanderu. Por isso a terra e o tekoá com ka'á eté, águas limpas e seus animais e plantas são tão importantes para termos as forças para manter o Nhandereko. Por isso manter e garantir sempre a terra cuidada como algo sagrado. Há muitos tekoá que começaram ou estão onde a natureza foi destruída pelo juruá, sendo necessário reconstruir a natureza, replantando a mata, despoluindo as águas, cuidando dos animais, para poder reforçar o Nhandereko, pois sem tekoá não existe teko e ter como praticar o modo de ver Guarani. Para nós sem tekoá não há Nhandereko, e não é possível viver como Guarani. Por isso é fundamental a luta, a resistência e assim garantir o tekoá para manter o legado milenar do Nhandereko. Isto é cada vez mais difícil na atualidade, sendo necessário que o juruá entenda o Nhandereko, mas sempre acreditamos que Nhanderu vai guiar e dar a nossa força espiritual para seguir como nação Guarani.

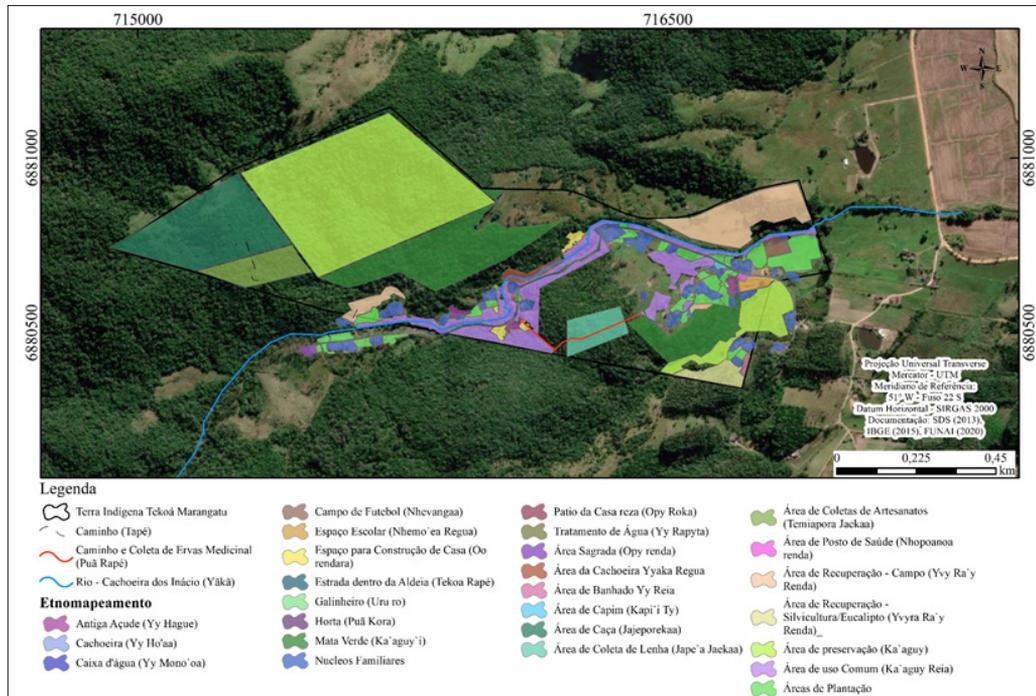
5 ALDEIA TEKÓÁ MARANGATU: MODO DE VIVER (NHANDEREKO)

Os Mbyá Guarani têm na aldeia Tekoá Marangatu um território demarcado para seguir fortalecendo o Nhandereko (Figura 2)¹. Ali vivemos o contato com a natureza, percorremos as matas para trazer o material para o artesanato, pescar, tomar banho no rio, plantas nas roças, frequentar a Opy (casa de reza), cantar e praticar a dança do xondaro (guerreiro). Os anciões e anciãs (xeramõi xejaryi), ensinando às crianças e jovens os conhecimentos e o valor da vida para adquirir a sabedoria para crescer com o olhar Guarani.

¹ O etnomapeamento interativo pode ser acessado por meio deste link: <https://earth.google.com/web/@28.18437183,48.8004791,62.8782259a,2678.70198653d,30y,0h,0t,0r/data=MikKJwolCiExanV2bHdzLVdNeEdzM0F3cS1EQ0wwb1pvcXI5X29VaUcgAToDCgEw?authuser=0>

Os pais, mães e os mais velhos ensinam a produção de artesanatos como o cesto, os bichinhos de madeira, o arco e a flecha, a zarabatana, o colar etc. Também repassam o conhecimento das ervas medicinais, como se preparar o remédio, o chá para se curar de algumas doenças. A mata é fonte de saúde e educação corporal, pois ali também está localizada uma forma de educação tradicional. Ali está o conhecimento dos alimentos e das ervas medicinais, onde estão os segredos para ter um corpo saudável. Muitas dessas plantas são cultivadas.

Figura 2 - Etnomapeamento da Terra Indígena Tekoá Marangatu, Imaruí, SC



Fonte: Os autores (2022).

Segundo o M. G, ancião da Aldeia Marangatu, “O Nhandereko foi criado por Nhanderu para que nós Guarani Mbyá pudéssemos vivenciar a nossa cultura, a nossa forma de viver como ser humano” (M. G., 2021).

Nhanderu criou para nós Guarani o Nhandereko para que pudéssemos vivenciá-lo no Yvyrupá e no Tekoá, desde que começamos a existir, passando o saber milenar de geração para geração. O Nhanderu deixou tudo isso para nós, a

nossa língua, o costume, tradição, religião e a cultura, nos enviando à Terra para vivenciar a paz e a harmonia no mundo onde vivemos.

De acordo com Morreira (2015, p. 14), quando se fala do território Guarani, estamos falando de espaço, tempo, convivência, terra, animais, plantas medicinais, deuses e da crença, ou melhor o nosso yvy rupa (território ou berço da terra), tudo junto. O filho de Nhanderu, o Nhamandu (Sol) que criou o povo Guarani e que nos deu o arandua (sabedoria e conhecimento) para praticar o Nhandereko.

O mundo Guarani é regido pela espiritualidade, onde tudo possui vida e grande valor na natureza. A vida Guarani é cuidada pelos deuses das quatro direções do mundo, porque para cada canto do universo existe um deus tomando conta dos seres vivos, abençoando cada passo sobre a terra. Estes deuses e os espíritos observam a vida na Terra e nos protegem de todo o mal. Em agradecimento a eles pela proteção divina, o Guarani canta canções que chegam até os espíritos para alegrar os seus corações.

Para D. M. G, anciã Guarani do Tekoá Marangatu, em 2021: *“O Nhandereko é tudo que é praticado durante a vida. É através do conhecimento, da sabedoria, do costume e da tradição Guarani”*.

Durante toda a vivência Guarani sempre aprendemos o conhecimento e a sabedoria para nos tornar um bom ser humano, ser bondoso, de amar o próximo e de vivenciar coletivamente. Praticamos o nosso costume que é a nossa religião, de ir cada amanhecer e cada entardecer para Opy (casa de reza), para cantar e dançar. A música, o canto-dança estão interligados com o Nhandereko, e com a comunicação com as divindades, a música também serve para o fortalecimento do espírito. É na Opy que agradecemos ao grande espírito, pois ali habitam os espíritos e há boa energia concentradas, onde acontecem as cerimônias, onde o canto de louvor aos deuses é entoado, onde é aceso o fogo sagrado e onde soam os instrumentos sagrados. A música e a dança alimentam nossos corpos e espíritos, que nos deixam mais fortalecidos. Somos uma nação mística, um povo milenar, e tudo que fazemos em nossas vidas vêm do Nhandereko. Por isso sempre reverenciamos Nhanderu, para que pudéssemos vivenciar em paz, em harmonia com a nossa família, com a criança, com os anciões e também pedimos a Ele que proteja os nossos espíritos, as matas, os animais e, principalmente, o Yvyrupá para que sempre termos onde praticar o nosso Nhandereko.

Conforme Martins:

O Nhandereko, o nosso modo de viver, é feito através de várias alianças, costumes e rituais necessários para se viver bem ao longo da vida, para se viver bem em grupo e ter uma longa relação com a natureza e o território em que vivemos. O Nhandereko é um termo Guarani usado para definir a vida boa, ou a nossa vida Guarani, o teko é a vida, é o modo de ser e viver tradicionalmente (Martins, 2020 p. 23).

Nhanderu criou a natureza para que o povo indígena vivenciasse, cuidasse e preservasse (Figura 4).

Conforme Moreira e Moreira (2015, p. 14):

Para o Guarani, o raio do sol representa a fecundação da terra e das plantas, que nos dá calor e vida e ilumina todos os planetas. Nós Guarani, aprendemos com o Sol; Este que nos ensina a sobreviver; Este que nos dá oportunidade para a cada dia levantarmos. Não fosse o Sol, o ser humano não sobreviveria neste mundo, por isso devemos sempre nos lembrar dele e agradecer.

Nosso Nhandereko é de acordar cedo e agradecer ao Nhamandú (Sol), por mais um dia que nos ilumina, dá forças (mbaraete) e alegria para seguir praticando a tradição, costume, religião e a nossa língua e como uma nação Guarani.

De acordo com S.K., cacique da Aldeia Tekoá Marangatu:

Nhandereko, é uma coisa que faz parte da nossa cultura e do nosso costume. Nhandereko, é muito importante da convivência da comunidade para saberem do nosso costume, religião, crença e das nossas linguagens. Para adquirir a sabedoria do mundo diferente que nós temos, diferente de viver do jeito que fomos criados, para levar o nosso conhecimento e da nossa história Mbyá Guarani (S.K, 2022).

6 VALORES E PRÁTICAS SOCIAIS

A gente sabe, eu e meu povo, que aquilo que a gente faz é parte de nossa cultura e de nosso Nhandereko. Nossa identidade está na nossa relação com a natureza e com o bem viver nossas vidas, dos nossos animais, rios e matas. Nesse processo de fortalecimento do sentimento de identidade, o juruá criou políticas para preservação dos patrimônios natural, histórico e cultural do Brasil. Nós do povo Guarani sabemos que parte da nossa história está nesses patrimônios protegidos pelas Leis do juruá, que a nossa vida não está separada da vida

juruá. Assim como sabemos que este reconhecimento e proteção dos símbolos, memórias e patrimônios tornam-se relevantes para a afirmação e identificação de um povo como nação. Portanto, não é diferente com nossas manifestações de Nhandereko, pois para muito além do respeito à legalidade, temos o nosso modo de vida como algo sagrado. Agimos todos dias para que as nossas crianças, que são o nosso futuro, têm o direito e o dever de conhecer a aprender o modo de vida Guarani, assim como também aprendem o modo de vida do juruá. Mas para isso precisamos ter o direito de existir de forma livre e feliz, de termos os nossos tekoá com as suas terras homologadas, protegidas e preservadas em sua natureza. Isso para nós é a verdadeira educação e o fundamento do nosso Nhandereko.

6.1 Nhembo'e (A educação tradicional Guarani)

A educação tradicional Guarani é baseada na oralidade, transmitida na Opy (casa de reza) (Figura 3), na família e na comunidade. A educação funciona pela transmissão do conhecimento dos/das xeramõi xejaryi (anciãos/anciãs), para crianças e jovens incorporarem a percepção Guarani do mundo e da natureza. Também se recebem as orientações da vida: o que e como viver. Na família a criança aprende pelos exemplos dos pais, acorda cedo para acompanhar o pai para ir ao mato caçar, fazer armadilha, buscar madeira, taquara para fazer artesanatos. Também sai para pescar no rio e tomar banho com seus amigos. A família, ou seja, os pais ensinam aos seus filhos a serem bons uns com os outros; a dividir qualquer coisa que possa ser dividida com seus parentes e com outras famílias. Com base nessa forma de educação para aprender a colaborar e considerar profundamente a família e a comunidade, nós Guarani sempre procuramos o caminho da harmonia de geração para geração.

Figura 3 - Opy do Tekoá Marangatu



Fonte: Os autores (2022).

Segundo Silva (2020):

A casa de reza (Opy), para Mbyá Guarani, é uma escola tradicional onde a comunidade se concentra e aprende todas as coisas da vida, com os xeramoí e xejaryi. Aprender a cantar, dançar, caçar, pescar, rezar, plantar, respeitar o próximo, respeitar a natureza, os animais etc. O xeramoí é o professor tradicional que ensina os jovens a se tornarem pessoas importantes na sua comunidade como: rezador, educador, curador e outras formações importantes (Silva, 2020 p. 28).

É na Opy que os xeramoí e xejaryi ensinam as crianças desde muito cedo a cantar, dançar, sorrir e serem felizes. Repassando os ensinamentos para respeitar e colaborarem com quem é próximo, a terem bondade e a respeitar a natureza. Também ensinam continuamente a reforçar o Nhandereko para se tornarem pessoas importantes como rezador (a), educador(a), curador(a) e outras formações importantes na vida Guarani (Figura 6).

De acordo com a Oliveira (2020):

A casa de reza é o nosso patrimônio material bem mais precioso que temos. É de lá que vem a força, a sabedoria, o conhecimento. Na casa de reza que recebemos as palavras infinitas dos xeramõi kuery (anciões) assim cada um que vai no opy aos poucos vai recebendo mais conhecimento, e essas pessoas vão passar adiante as palavras dos xeramõi kuery para os futuros mbyá Guarani (Oliveira, 2020 p. 34).

A educação é transmitida a qualquer hora, com mais jovens ouvindo mais velho (a)s costumam conversar ao redor do fogo tomando chimarrão, fumando Petyngua (cachimbo) e contando sobre a vida e dando a compreender as heranças do seu passado, o presente e o futuro. Assim a criança aprende diariamente o Nhandereko observando os pais e as pessoas mais velhas em casa, na Opy e na natureza, manejando as plantas, lidando com animais e a maneira de fazer o artesanato. A Opy é tão importante para nós Guarani, lugar fundamental da formação no Nhandereko.

Conforme a D. I. (2022), liderança da Aldeia Tekoá Marangau:

Opy é considerada o centro de saberes e ensinamentos de costumes e valores do Mbyá reko (Sistema Guarani). E onde acontece as rezas e as conexões com o mundo espiritual, além de cantos e danças tradicionais. É um local de aprendizagem por meio de histórias e narrações dos anciões xeramõi – xejaryi.

A cosmologia também faz parte do Nhandereko, relacionada à contação de histórias e memórias relacionadas à criação do mundo e da natureza. Isso permeia o aprendizado da musicalidade e dos cantos entoados desde a criação da humanidade. O canto-dança são as expressões sagradas da alma e do corpo, por onde se contar e ouvir as nossas histórias, saber como era a vida dos nossos antepassados e nos conectarmos com as forças espirituais.

6.2 Xondaro (guerreiro)

Os Guarani têm a arte marcial milenar chamada “Dança do Xondaro” e “Dança da Xondaria”. Xondaro é como chamamos o/a guerreiro (a) que pratica a arte do bem estar corporal (Figura 4). É o principal fundamento do corpo físico saudável e da formação dos guardiões e das guardiãs do tekoá. A dança do xondaro

geralmente acontece no pátio da Opy, ensinad pelo Xondaro Ruvixa (Chefe dos Guerreiros). O xondaro e a xondaria são treinados para serem ligeiros como as aves e para lidar com facilidade na mata e ter várias funções: guardar a aldeia e a Opy, e aprenderem para serem grandes guerreiros. Também há os xondaro`i e as xondarias mirĩ (pequeno(a)s guerreiro(a)s), que dançam e cantam na Opy e dão alegria para a aldeia e para os mais velha(o)s.

Para Leonardo da Silva Gonçalves Werá Tupã:

O termo xondaro é um conjunto de relações que se associam desde o indivíduo, movimentos, instrumentos e atividades. Como por exemplo uma pessoa pode ser denominada Xondaro ou no caso feminino de Xondaria, que quando se refere a uma pessoa significa que pratica o conceito e filosofia do Xondaro, e quando a pessoa exerce uma pessoa de guarda, segurança da aldeia, a própria profissão também é xondaro. Rito de movimento corporal também é chamado de Xondaro, então o Xondaro pode ser indivíduo, segurança da aldeia, movimento corporal, vários tipos de som instrumental. Um dos aspectos que o Xondaro exige para ser um é a formação física (Gonçalves, 2020, p. 19).

Figura 4 - Treinamento de Xondaros e Xondarias em frente à Casa de Reza na Aldeia Marangatu



Fonte: Os autores (2022).

Praticando essa dança o corpo ganha resistência, saúde e disposição, o raciocínio fica mais rápido, não sente cansaço e a pessoa fica mais paciente. É

preciso acordar cedo, primeiramente ir ao rio e pular três vezes na água. Com tais práticas diárias fica-se mais preparado para fazer as atividades diárias, os homens e meninos vão pescar, buscar lenha, fazer armadilhas e acompanhar o pai no mato. As meninas e as mulheres fazem as tarefas de casa, ajudam a mãe a preparar os alimentos, ir na roça e buscar remédios no mato.

Conforme Leonardo Werá Tupã:

O Xondaro abrange muitos aspectos e ações- não há uma definição única, ela pode ser encontrada nas danças, nos cantos, nas músicas e no dia a dia da comunidade. Como por exemplo: atividades de caça, pesca, nas roças, na educação e saúde. Segundo os sábios e as sábias é necessário que todos os Guarani conheçam a arte Xondaro porque reflete no dia a dia de cada pessoa (Gonçalves, 2020 p. 19).

6.3 Tembiapó (artesanato)

Antigamente o Guarani produzia artesanato para o uso próprio do dia a dia, para carregar alimentos, como a mandioca, milho, batata-doce, frutas, sementes, etc. Hoje em dia também é produzido para comercializar e ter renda familiar, mas sempre fazendo parte da cultura, fortalecendo o Nhandereko.

De acordo com a Souza (2020, p. 14):

Penso sobre a importância que os artesanatos têm para o futuro do indígena, já que traz o passado, o presente e o futuro de um povo. Aonde tem artesanato tem um porque foi feito, um significado, uma história e um mito que são relacionadas com o povo, que por onde passam deixam história, principalmente o povo Guarani Mbya, que sempre viveu nas Américas.

O artesanato é uma das artes e símbolos da cultura Guarani (Figura 5). Por exemplo, o ajaká (balaio) significa várias direções do pensamento, servindo como um instrumento de cura para pessoas que precisam de terapia. Alguns ajakás são decorados com desenhos que significam “amor” e outros não tem decorações, significando a “paz”. Outros, por exemplo, tem o símbolo da borboleta, da cobra caninana (nhakaninã), significando amizade ou relação de amizade com outra família. Por isso que tudo que o Guarani produz procura representar harmonia, paz, amor e espiritualidade.

Figura 5 - Artesanato Mbyá Guarani



Fonte: Os autores (2022).

Os artesanatos têm vários significados, como mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Variedade dos significados

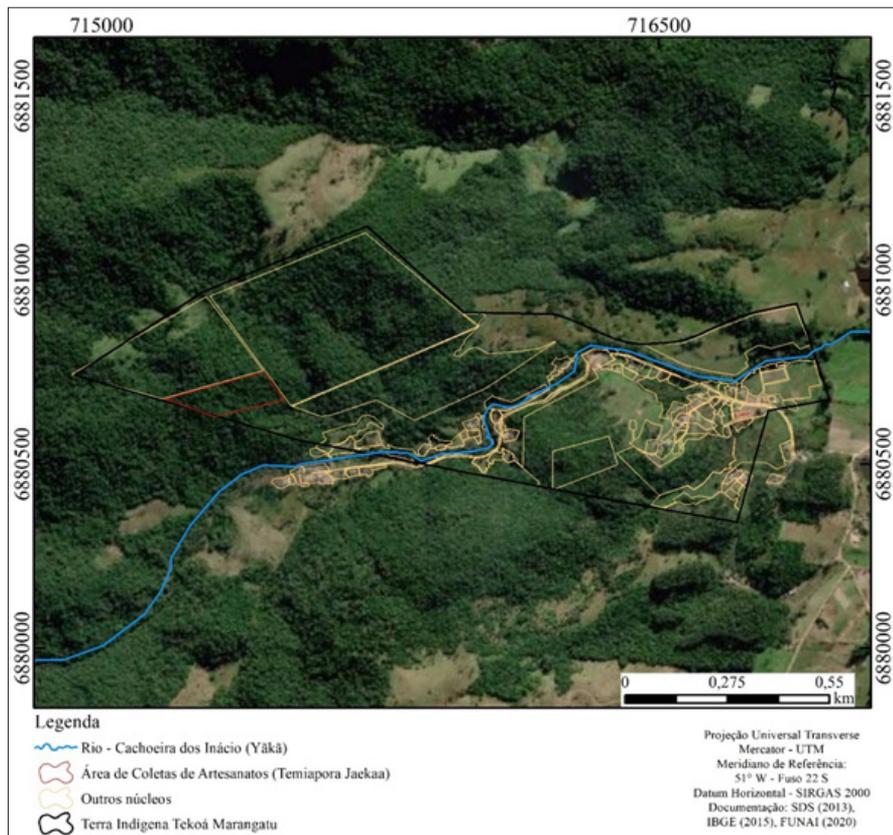
Nome	Significado
Ajaká Balaio	Várias direções de pensamento. É a arte mais importante da nossa cultura. Os balaio que tem desenho significam amor e os que não tem, significam paz.
Mbo'ý Colar	Para fortalecer o espírito. Rewpresenta o nosso Nhandereko e a construção do Universo.
Mumba`i Bichinho	Esculturas de animais que representam coragem, força e respeito.
Maraká mirim Chocalho	Instrumento sagrado. É para dar sinal a Nhanderu que estamos rezando para viver bem.
Guyrapa e Hu'ý Arco e flecha	Proteção. É um esporte dos homens e crianças para ajudar na prática de caça. A ponta da flecha representa o pensamento da pessoa.

Fonte: Os autores (2022).

6.4 Tembiapo Rã (coleta para o artesanato)

O ponto de coleta de artesanato do tekoá Marangatu fica perto de 700 metros das casas das famílias Guarani (figura 6). No dia da coleta, a pessoa acorda cedo e pede a Nhanderu proteção para andar no mato, para não acontecer nada ruim, e pede a autorização para cortar os elementos naturais. Depois percorre a trilha até o local das coletas. Ao sair para buscar takua (taquara), se encontrar no caminho uma planta medicinal, já a recolhe e aproveita para trazê-la para casa. No lugar da coleta, após escolher uma e derrubá-la, corta a taquara em pedaços com 2 metros de comprimento até juntar uma quantidade que será amarrada com cipó para carregá-lo no ombro.

Figura 6 - Tembiapo rã Coleta para o Artesanato



Fonte: Os autores (2022).

A takua é a matéria-prima fundamental para a produção do artesanato. As mulheres o fazem para vender e ter como um sustento da família, levando-o para vender na cidade e no tekoá quando recebem visitas na aldeia. As meninas vão observando sua mãe fazendo artesanato e assim vão se interessando em aprender para fazer quando estiverem com mais idade. Assim o pai ou a mãe ensinam as crianças como fazer certo, como aprenderam dos antepassados para seguir mantendo o Nhandereko.

Segundo Oliveira (2020, p. 21-22):

A taquara é a principal matéria-prima que temos na aldeia para a manufatura do artesanato, uma das mais importantes fontes de sustento das famílias Guarani. Desde pequeno as crianças vêem seus pais fazendo artesanatos e assim alguns se interessam a fazer também.

Depois de trazer a taquara para casa, primeiro cortando-a em pedaços pequenos, médios e grandes, dependendo do tamanho e tipo de cesto que será produzido. Depois de cortar os três tamanhos vem o processo de raspar a taquara e depois expor no sol pelo menos três dias para secar. Depois, com uma faquinha, partem e dividem em formas finas para fazer talas flexíveis e as fibras para trançar.

Segundo Souza (2020, p. 17):

Os artesanatos mais conhecidos do povo Guarani são o balaió tupixi e cestos, que são feitos de fibras de taquara destaladas, os bichinhos de madeira feitos de árvores que são próprias para isso, colar de sementes e ossos de bichos, pulseiras e chocalhos, brincos de pena e de sementes, pau de chuva. Os artesanatos adotados e colocados como Guarani também são leque de taquara, apito, portal do sonho, enfeites de cabelos pintados com o grafismo Guarani.

Depois de tudo pronto, uma parte das lascas serão coloridas de vermelho, preto, azul. Primeiro se faz a base para começar o processo de trançado e assim vai tecendo até concluir o ajaka (Figura 7). Para terminar uma cesta pequena leva até três dias, ou pode ser mais dependendo do tamanho. As cestas produzidas são de vários tipos de modelos, pequenos, médios e grandes, alguns são coloridos e outros não.

Figura 7 - Tecendo a cesta (Ajaka)



Fonte: Os autores (2022).

Conforme Oliveira (2020):

As *ajaka* (cestaria mbya Guarani) são consideradas muito bonitas! Tanto pelos mbya Guarani quanto para muitos *juruá*, porém os significados dos desenhos e grafismos impressos nas cestarias estão muito além da questão estética [...]. O artesanato é uma terapia. Às vezes a pessoa fica preocupada com alguma coisa e é o artesanato que alivia a sua mente. Hoje os jovens ao fazerem artesanato, param para pensar e acalmam a mente, o que não seria possível de outra forma (Oliveira, 2020 p. 17-23).

Quando as mulheres fazem os artesanatos não sentem cansaço e preguiça, pois alivia a mente como numa terapia. Tudo que faz parte do Nhandereko, quando é praticado, dá a energia positiva para a mente e o corpo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização desta pesquisa foram utilizadas bibliografias escritas pelos próprios Guarani e por alguns outros parentes indígenas. Também foram

realizadas conversas com o Cacique, com lideranças e, principalmente, com os anciões xeramõi – xeraryi do Tekoá Marangatu. Em colaboração com pesquisadores foi realizado um etnomapeamento do Tekoá Marangatu para localizar os lugares onde que se fazem práticas do Nhandereko.

Mas nem tudo é escrita, não é mesmo? Nós vivemos nosso dia-a-dia no tekoá, nas casas, na mata, no rio, nas roças, e até na cidade e nas suas ruas, usando os objetos tradicionais e fazendo muitas coisas. Ou seja, para os Mbyá, para o povo Guarani e para todos parentes Indígenas, fazer, usar, falar, ensinar e aprender é praticar o Nhandereko, a vivência dos saberes tradicionais que vem desde Nhanderu. E até hoje é mais importante do que ler e escrever, sendo diferente do mundo dos juruá.

Mostrar um pouco da cultura e vivência, através do mundo da visão do Mbyá Guarani, através da cosmovisão e do saber tradicional milenar, e ao mesmo tempo mostrar a Sociedade, para que tenha a compreensão da visão e da importância da Terra e da natureza para o Guarani, para que desperte a sensibilidade e a solidariedade na causa indígena, pelos direitos garantidos e principalmente a luta pela Demarcação de Terra. Garantir a terra e o Tekoá é fundamental para seguir vivenciando o Nhandereko, e garantir o futuro das crianças Guarani.

Escrever este artigo é uma maneira de apresentar um pouco do Nhandereko dos Mbyá Guarani no Yvyrupá, mostrando o exemplo da Terra Indígena Tekoá Marangatu. É um resumo sobre a cultura, a tradição, algumas práticas, e a cosmologia de se viver com a terra e a natureza, como são os ensinamentos a sabedoria de compreender o mundo pelo olhar Guarani, conforme Nhanderu nos deu.

8 AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos ao Núcleo de Estudos Étnico-raciais, Afro-brasileiros, indígenas e de Minorias e à Universidade do Extremo Sul Catarinense (NEABI/UNESC), pela bolsa de mestrado concedida ao primeiro autor, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Bolsa de Pesquisa de Produtividade – PQ, concedida ao segundo autor (Processo 312543/2022-0), à Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência de Portugal pelo apoio financeiro concedido ao quarto autor (FCT 2020.05745.BD),

à Fundação de Amparo à Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC), pela bolsa de doutorado concedida ao sexto autor.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Eunice. *Nhandereko nhandembo'e nhembo'e a py*: sistema nacional de educação: um paradoxo do currículo diferenciado das escolas indígenas Guarani da Grande Florianópolis. 2020. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2020.

GONÇALVES, Leonardo da Silva. *O Xondaro*: aspectos da formação física, comportamental e espiritual do povo Guarani. 2020. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204683>. Acesso em: 14 nov. 2021.

JEKUPE, Kaka Werá. *A terra dos mil povos*. São Paulo: Petrópolis, 1998.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

MARTINS, Daniel Timóteo. *Moã Ka'aguy Regua – Tekoá Mbiguaçu*: As memórias das plantas medicinais. 2020. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204722>. Acesso em: 21 set. 2021.

MOREIRA, Geraldo; MOREIRA, Wanderley Cardoso. *Calendário cosmológico*: os símbolos e as principais constelações na visão Guarani. 2015. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015.

MORREIRA, Marcos. *Visão Guarani sobre o Tekoá*: Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território. 2015. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica Guarani, Kaigang e Xokleng)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, Mariza. *Ma'ety reguá agricultura e sabedoria Mbya Guarani*. 2020. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica)- Centro de

Filosofia e Ciências Humanas, Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOUZA, Juçara. *O Sentido das Artes/Artesanatos: O olhar das mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais*, 2020. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

Sobre os autores:

Fabiano Alves: Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) Criciúma/SC, Brasil. Tekoá Marangatu, Imaruí/SC. **E-mail:** fabianoalvesguarani@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0009-0003-0716-4737>

Juliano Bitencourt Campos: Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma/SC, Brasil. Investigador do Instituto Terra e Memória, Centro de Geociências (ITM/CGEO/Portugal). Doutor em Arqueologia. **E-mail:** jbi@unesc.net, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-0300-1303>

Orivaldo Nunes Júnior: Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (PPGPLAN) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Florianópolis/SC, Brasil. **E-mail:** nunonunes3@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-6200-5603>

Francisco Silva Noelli: Doutorando e investigador do Centro de Arqueologia (UNIARQ), Universidade de Lisboa (Portugal). **E-mail:** franciscoeelli@edu.ulisboa.pt, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0267-583X>

João Alberto Ramos Batanolli: Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma/SC, Brasil. **E-mail:** joabatanolli@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0009-0008-8312-8371>

José Gustavo Santos da Silva: Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) Criciúma/SC, Brasil. Mestre em Ciências Ambientais. **E-mail:** gustasantos92@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0578-8266>

Recebido em: 08/05/2023

Aprovado para publicação em: 27/03/2024

